



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: Taltaba-Lisboa • Telefone 5339 O.
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Unidade e união

É necessário não confundir unidade e união. A união é o acôrdo momentâneo ou durável, segundo as necessidades, com um ou mais fins, sobre um ou pontos vários da ideologia especial a cada um dos agrupamentos unidos. A união é a aliança, a federação. A união não implica por forma alguma a unidade de vistas e concepções; mas sim a comunidade dos fins e dos interesses. Nem sequer implica a identidade dos meios de realização destes fins e destes interesses. Compreende-se com efeito que se possam unir agrupamentos humanos para atingir meios vários e diferentes segundo os agrupamentos num fim determinado. Gráficamente, pode-se representar a ideia da união da seguinte forma: um ponto central representa o fim a atingir e a este ponto central veem convergir raios divergentes que representam os caminhos e os meios empregados por cada um dos agrupamentos humanos que se dirigem para este mesmo fim. A representação gráfica da unidade seria outra: um ponto central ou fim, um único raio ou caminho empregado por todos os agrupamentos humanos movidos por uma única vontade, que vê e pensa por todos.

A união faz a força, a unidade a fraqueza. A primeira baseia-se na liberdade, a segunda na autoridade. Na primeira, o impulso parte de cada grupo e, em última análise, de cada indivíduo vindo terminar no centro administrativo. Na segunda, o impulso parte do centro dirigente e finaliza no indivíduo dirigido e obediente. Na primeira, o movimento é centrípeto, na segunda, é centrífugo. A segunda, força a uma extrema centralização; é a concepção dos bolchevistas da I. C. de Moscou. A primeira, a união, obriga a uma descentralização democrática, a uma organização baseada sobre a liberdade de todos, organização que parte do indivíduo e que por uma sucessão de grupos livres e autónomos, federados entre si, vai terminar num conjunto internacional, após ter passado pelos intermédios da região e da nação.

Disse-o e escrevi-o em 1916 que, encarada sob um dado prisma, a guerra mundial era a luta de duas concepções do Socialismo: o socialismo libertário, representado pelos britânicos e pelos franceses, e o socialismo autoritário representado pelos alemães, sociais-democratas. Esta luta continua ainda. O bolchevismo substituiu os alemães como protagonistas do socialismo autoritário. Os ocidentais estão muito impregnados de libertarismo para o poderem aceitar. E não é esta uma das menos interessantes curiosidades desta luta épica: o facto de, no ocidente, aceitarem as concepções bolchevistas muitos daqueles que mais se acham impregnados da ideia libertária, sem se aperceberem da oposição absoluta com o seu ideal libertário.

As vantagens da scisão

A scisão impõe-se em França como se impôs na Alemanha aos independentes, aos partidos socialistas na Escandinávia, na Grécia, na Bulgária. De facto, a scisão existe já em França. Está ainda oculta, mas não deixa por isso de ser real. A clareza, a luz saneará o meio em que, na bruma, se agitam os homens. Procurar ocultar os nossos próprios olhos a verdadeira situação, é uma política infantil, que nos conduz sempre a tolices. Por toda a parte os socialistas são de facto bastante fortes, tanto em grupos como em indivíduos—para que temam encarar face a face a situação. Será útil também que em toda a parte vejam as vantagens da separação dos socialistas reformistas e revolucionários dos comunistas integralistas revolucionários. Estas vantagens tornam-se evidentes, quando reflectimos um pouco.

Não há nada superior à clareza, à pura clareza, à franqueza, à verdade confessada, clamada, para estabelecer relações sólidas entre os homens e os grupos. Às vezes pode parecer que não é bem assim, mas isto é uma simples aparência que os factos se encarregam de desvanecer. E' necessário portanto clareza. A scisão da la-há.

E esta clareza será tanto maior, quanto mais francamente se fizer esta scisão, não a propósito de exclusão de indivíduos quaisquer que sejam, mas sim a propósito dos diferentes meios preconizados para se realizar o fim comum. Seria mesquinho fazer a scisão a propósito de excomunhões maiores lançadas contra João ou contra Paulo! Existe no conflito actual alguma coisa de maior importância: a luta de dois sistemas, o autoritarismo e o federalismo; de dois conceitos: a autoridade e a liberdade.

Dizer, como alguns, que a adesão à I. C. de Moscou deixa toda a liberdade aos aderentes para propagarem as suas ideias, é um erro absoluto, uma pura mentira. As XXI condições impõem uma direcção aos comunistas, e quem não obedecer é excluído. A adesão à I. C. de Moscou é a demolição de toda a casta constitutiva do P. S. em França. Os que a consideravam e a consideram ainda boa, não podem aderir a Moscou.

A scisão é portanto inevitável, os que tentam com boa ou com má fé impedi-la, não serão bem sucedidos. Talvez que consigam que ela se não faça com a devida clareza.

NOTAS & COMENTÁRIOS

A falta de trabalho

atingiu o seu auge em toda a Inglaterra. A crise industrial é intensíssima. Quasi todos os dias fecham fábricas. Só na segunda semana do corrente mês fecharam simultaneamente vinte fábricas de tecidos na Escócia. No York-shire estão sem ocupação 50.000 operários e 100.000 não trabalham mais que algumas horas por semana. Mas a indústria têxtil não é a única atingida. A metalurgia, a indústria de automóveis, a de calçado, etc., estão também em plena crise. Causas! Não é preciso levar muito longe o estudo para averiguar-se que a principal determinante desta situação é a política reaccionária seguida pelo governo da Gran-Bretanha que fechou os mercados formidáveis da Europa Central e da Rússia. Segundo as estatísticas oficiais, há actualmente na Inglaterra mais dum milhão de trabalhadores desocupados. É impossível fazer um cálculo exacto do número de pessoas que sofrem directa ou indirectamente com a crise actual, mas parece que não andará muito longe da verdade de quem o avaliar em cinco milhões. A burguesia vai pagando um pouco pelos erros que cometeu. Mas vai vivendo, apesar disso, em meio dum luxo revoltante, enquanto os operários sem trabalho se contorcem na mais atroz miséria.

A um manicómio

irá parar decerto, mais dia menos dia, o sr. Pierre Chapka-Bonnière, autor dum inspiradíssimo poema intitulado *Paroxismo*, e inserto na *Vie des Lettres*. Veja o leitor uma amostra, que nós publicamos... na lingua original:

— — — — —
!!! ts! — i — i — i —
— et sam — et sam — sam — saM
? sha — Keink — — ts!H
? rrrroor — O
— atakak — af — oh — tzz!G

Se *Paroxismo* desta ordem o acoerterem muitas vezes, é certa a perda do grandecíssimo literato. Será este também dos tais que espalham os sentidos pelo sobrado?

Uma nova guerra

tornar-se há possível num futuro próximo se o proletariado internacional não tomar as necessárias medidas de defesa. Os Estados Unidos resolveram construir doze grandes barcos de guerra. O Japão, por seu lado, projecta para 1926 a construção de oito barcos. Falando na câmara americana disse Daniels:

«Os Estados Unidos deverão manter o predomínio da construção naval. Os dezasseis barcos actualmente em construção devem concluir-se com brevidade e o comité dos assuntos navais deverá tomar em consideração as recomendações do *Navy Board* para a construção de 88 novos barcos.»

E' ainda seguindo esta orientação que a América está construindo actualmente poderosas estações navais em Hawai e nas Filipinas. Os ares embrulham-se. E a grande guerra há pouco finda, que nos diziam ser a última, bem pode representar o início sangrento duma série de hecatombes, se os trabalhadores de todos os países a isso se não opuzerem.

Pensamento

O ódio não produz amor; pelo ódio não se renova o mundo. E a revolução do ódio ou malograr-se de todo ou resultaria numa nova opressão, que podia talvez chamar-se anarquista, como se chamam liberais os governos de hoje, mas nem por isso deixaria de ser uma opressão e de produzir os mesmos efeitos, que todas as opressões políticas. — *Enrico Malatesta*.

A BATALHA

Não se publica amanhã, conservando-se hoje fechados, por tal motivo, os nossos escritórios e oficinas.

A GRÉCIA

O governo refuta as acusações de traição e deslealdade

PARIS, 24.—Um telegrama de Athinas anuncia que a resposta do governo grego à nota dos aliados foi definitivamente aprovada e recebeu a aprovação do rei e será provavelmente entregue no princípio da próxima semana.

A nota limita-se a refutar as acusações de deslealdade e traição levantadas contra o rei e contra o governo e enumera os serviços prestados pela Grécia à Entente durante a guerra e depois do armistício. — *Rádio*.

sa, mas daqui o que há de provir é um período caótico mais ou menos longo, durante o qual muitos socialistas indecisos andarão daqui para ali, dum agrupamento para outro. Os interesses e os sentimentos serão os factores da sua conduta em lugar de ser a sua razão. Mas, com o andar do tempo, tudo isto assentará, e daqui a alguns meses, ou talvez alguns semestres, vor-nos hamos em presença de dois grandes partidos, um reformista legalista e revolucionário, o outro integralista e revolucionário pela violência. Os dois partidos auxiliar-se-ão mutuamente, apesar de se criticarem muitas vezes. Para os dois o mesmo inimigo: a classe capitalista, e para os dois o mesmo fim: a realização do Socialismo.

A ARTE E OS ARTISTAS

OS HUMILDES

no teatro de Joaquim Dicienta

Em fins do século findo a Espanha de Salmeron e Castelar assistiu à revelação de um dos mais sólidos temperamentos de dramaturgo, honra e glória do teatro occidental—Joaquim Dicienta.

Este literato, que cultivou com o maior êxito todos os géneros literários, só no teatro foi grande, igualando-se aos maiores e mais festejados dramaturgos da época.

Não foi, é certo, Joaquim Dicienta um reformador das velhas fórmulas de fazer teatro; não impôs uma técnica sua mais moderna e mais dentro da lógica; mas dentro da velha maneira fez, por assim dizer, teatro novo, predispõdo e preparando as massas para receberem o teatro de intuítos. Dicienta pôs o seu engenho e arte ao serviço de uma causa, ou melhor, de uma classe social, exaltando-lhe as virtudes e ocultando-lhe os defeitos.

Os humildes, os ansiosos de liberdade



Joaquim Dicienta

e de justiça tiveram neste autor o mais fiel intérprete das suas aspirações e dos seus sofrimentos. O teatro social conhecido então, cheio de retóricas ócas e banais, de incongruências e absurdos, estava longe de cumprir cabalmente a missão renovadora para que os percuradores de uma sociedade mais perfeita o haviam destinado. O palco transformara-se em tablado de comícios. Em vez de personagens de peças, os actores eram simples declamadores de tiradas inflamadas que sem o mínimo fio de acção teatral os escritores lançavam ao papel. Ainda hoje, salvo raríssimas excepções, a acção nas peças de carácter evangelizador é nula. Os assuntos não interessam mais que aos observados, aos prosélitos das ideias que se pretende propagar. E não é apenas para os iniciados ou catequizados que se faz arte social, mas para os que comungam em ideais ou credos diferentes.

Assistirem à representação desses amontoados de cenas, falhas de lógica e de acção, os indiferentes ou refractários ao movimento renovador bocejam ou sorriem desdenhosamente das cenas culminantes e da pouca firmeza da dialéctica do autor. O que se desenvolve no palco não os comove, não lhes quebra a frieza, não o atrai para a nova causa; porque a acção é mal conduzida teatralmente e o desenlace é falho de verdade e não resiste a uma análise atenciosa.

O teatro de intuítos, como de resto toda a arte moderna, é de resultados contraproducentes quando não é perfeito. E' pelas dificuldades que apresenta que raros são os autores que neste género conseguem triunfar. Com os seus dramas Dicienta rasgou novos horizontes ao teatro moderno. Não sei o credo político ou social em que ele comungava, mas pelo que se deduz da essência das suas produções teatrais, era socialista. Não porque ele faça nas suas peças a defesa obstinada do ideal de Carl Marx, mas porque Dicienta procura exteriorizar as angústias, as ansias e as paixões dos trabalhadores—os eternos explorados e incompreendidos. A sua preocupação dominante é exaltar os oprimidos e hostilizar os potentados, os sustentáculos da sociedade—o patrão, o padre e o militar. E como não lhe faltava a scintilha de dramaturgo, a Espanha carola e iradesca, a Espanha dos pronunciamentos e do retrocesso, admitia-o no seu teatro oficial, e os seus intérpretes directos eram os aristocráticos artistas Diaz de Mendonça e Maria Guerrero, que não ocultavam a sua predilecção pelo teatro do dramaturgo alicantino.

Foi assim que as classes dirigentes da pátria de Cervantes tiveram que tomar conhecimento dos sofrimentos e das misérias da gente humilde de quem Dicienta se fizera o porta-voz fiel e desinteressado.

«Juan José» e «David», como «Auto-

ra» e «El Crimen de Ayer» tornaram-se populares, não só devido ao valor teatral das obras como também à posição social e artística dos seus criadores. Este facto é uma indicação para quantos pretendem fazer teatro social, teatro educativo, teatro de ideias. Dicienta impôs-se não só por ter tido a ventura de encontrar bons intérpretes para as suas personagens, mas porque o valor do seu teatro era incontestável.

Os seus dramas são verdadeiros modelos de técnica teatral. Padecem, é certo, na sua estrutura da paixão que observo o autor, mas neles demonstrou superiores qualidades de dramaturgo. As suas peças tem o defeito de repisarem o mesmo tema, de apresentarem, acobertadas por nomes e idades diferentes, as mesmas personagens sempre a vibrarem na mesma sede de justiça, no mesmo anelo de renovação social; mas não enfadaram, antes obrigam o espectador a seguir com interesse crescente a acção dramática.

E' reconhecida a predilecção que Joaquim Dicienta manifesta pelos assuntos de carácter social e revolucionário. Esta preferência tornava-o por vezes absurdo, posto que as ideias avançadas só tivessem a lucrar com isto. Não desenvolveu, como os mestres escandinavos, teses de profunda concepção, altos problemas humanos, elevadas psicologias. Os motivos que dramatizava eram superficiais, não os profundava nem isso lhe seria fácil. As suas figuras eram acéfalas e tinham o coração demasiadamente excitado. Não pensavam; o raciocínio não as impelia nem dominava. Obedeciam aos seus instintos, como as feras; eram instrumentos das suas paixões, como os mentecaptos o são das paixões alheias.

Se Dicienta fizesse raciocinar as suas personagens, os crimes ou as violências, que eram toda a essência da sua dramaturgia, não tinham razão de existir. Ele focou os humildes, os párias, pelo lado mais simpático—o coração. Falsoou a psicologia e até a própria sociologia, porquanto caiu no erro de alguns sabichões que separam a humanidade em duas castas antagónicas—a dos burgueses e a dos operários. Ele não nos apresenta o proprietário, o industrial, como produtos do meio ambiente que influem nas suas acções, mas como seres abomináveis sem coração e sem alma, sem possibilidade de regeneração pela adaptação a um novo estado social. Exaltou em «El Señor Feudal» o fidalgo, mas para tornar mais asqueroso ainda o sortido plebeu que se tornou proprietário da fortuna do aristocrata e que pretende coroar todo o seu sonho de grandezas pela união do filho com a filha do arruinado senhor feudal.

El Lobero encenou-se, humaniza-se ao receber na fronte dura e repelente o beijo dum criança. Dicienta pretende demonstrar neste caso que até o bandido mais asqueroso tem uma corda sentimental na sua alma dura, amolecida, mas que em certo momento se desperta e vibra. Sem esse beijo o drama teria outra dinâmica, menos impressionante, conhenho, mas muito mais em harmonia com a verdade.

Sobretudo, as figuras de Joaquim Dicienta eram incoerentes e inconstantes. Revoltadas, elas agiam em contradicção com o seu temperamento revolucionário.

João José, em luta «berla» contra as convenções, não hesita em matar para defender a sua honra ultrajada. Daniel, uma alma resignada e sofredora, a quem a morte do filho, o insucesso da greve e o deslombamento da filha transformam num revoltado, faz precipitar o elevador, vingando-se assim dos causadores do seu infortúnio, embora não hesitando em vingar-se de inocentes de quem não tinha ressentimentos. Jaime, o anarquista, para vingar a irmã, seduzida pelo filho do patrão, precipita o sedutor para dentro da tulha.

Carmen, a heroína de «El crimen de ayer», crava as tesouras no peito do pai do seu filho por ele se recusar a desposá-la. O amor por esse homem não a faz hesitar; obseca-a o futuro do seu filho, talvez o dela própria. Não sabia Carmen que o aristocrático estudante não era o homem que a desposaria? Se o sabia, porque não resistiu? São desta fragilidade as figuras de Dicienta, que foi inferior ao abordar assuntos fora do ambiente social que lhe deram a aura da popularidade. Dir-se-ia que ele fora um predestinado, que nascera para ser o dramaturgo dos deserdados, dos que trabalham e sofrem. Tem muitas falhas o seu teatro. Absoluto, porém, a intensão, o desejo de contribuir, aproveitando as suas altas facilidades de fabulação dramática, para uma sociedade melhor, em que todos os homens sejam livres e todos tenham direito à felicidade sobre a terra livre e generosa.

Jesús PEIXOTO

A Inglaterra e a Rússia

Robert Horne queixa-se de propaganda bolchevista no Oriente

LONDRES, 24.—Sir Robert Horne falando na Câmara dos Comuns acerca das negociações para se entrar em relações comerciais com a Rússia queixou-se que os bolchevistas continuassem a sua acção hostil e de propaganda na Índia, na Pérsia, no Afeganistão. Apesar da questão das dividas, nós temos que tratar com o governo dos Soviéticos e um governo de facto, e nós não podemos alienar os direitos dos comerciantes ingleses que pretendem tratar com os russos. — *Rádio*.

O MEU NATAL

Ocupar um bom fauteuil na sala sombria dum teatro, recostar o corpo bem para trás, semi-cessar os olhos e ouvir músicas deliciosas, que façam sonhar; subir a alta montanha, em dia de sol magnífico e forte, que espalhe claridade intensa pelos campos verdejantes; escutar o canto melancólico do moínho de vento, em tardes silenciosas, quando o sol manchar o poente de nuvens vermelhas; fechar-me num gabinete sossegado, abrir um livro novo e viver um entreccho ideal, sentir-me herói; enquanto a chuva monótona escorre pelas vidraças, embalando-me em frases murmuradas e incompreensíveis, são para mim prazeres inigualáveis. Valem todas as riquezas, todas as promessas de abundância que a vida me possa oferecer.

Durante muito tempo me julguei assim: sentimental e terno; amigo do sossego, dos recantos perdidos, longe do tumulto, do ruído e da multidão. Cheguei a acreditar que a alma dum asceta guiava, impulsionava, purificava o corpo do anarquista. Entre a multidão sentia-me só, fraco e tímido. Viver sozinho era para mim o viver do forte, do vencedor. Pensei que o tempo mudaria este temperamento de sonhador e revoltado—e não mudou.

Convidavam-me às vezes para lautos jantares, onde haveria chafarizes e brindes, alegria efusiva e discursos inflamados e eu recusava, recusava sempre. Invadiam-me um horror instintivo pelo meu semelhante, embora um ideal de solidiedade vibrasse, arrancasse do minha alma, como dedos hábeis de harpista célebre, os sons mais belos, mais sonoros e mais diversos do amor humano.

Divertir-me ruidosamente emquanto meia humanidade chorasse; decorar variados acepipes, emquanto pelas vielas sombrias dessas cidades de miséria e dor crianças debruçadas sobre as portas, pareciam-me crime tremendo, fonte inextinguível de remorsos eternos. Eu sentia, sinto e sentirei sempre que só serei feliz quando o seja a humanidade inteira. A dor alheia verte sobre as minhas alegrias moedas de amargo, que me irrita, me tortura, como se no mais saboroso doce que comesses misturassem algumas gotas de vinagre. E' este fundo de amargura, sobre o qual assentam os meus efêmeros prazeres, que me revela a solidiedade, a minha ligação espiritual com os outros viventes.

Como eu seria feliz se os outros não sofressem! Se eu soubesse que em cada lar havia alegria franca, harmonia e saúde, saber-me-ia bem todos os jantares, acorria a todos as festas, seria o mais expansivo dos homens.

Hoje, dia de Natal, tradicional do povo, jornada de alegria para todos os que possuem um pedaço de pão e uma sopa reconfortante revelou-se-me mais um prazer: quero gozar, como puder, as delícias dum bom jantar; quero ver alegria no rosto de minha companheira e escutar com ternura os monossílabos do meu garoto que não fala ainda. A' hora em que tu, leitor, estiveres gozando a manhã fria desta folga, estrado no leito, lendo estas impressões desencontradas, devo eu andar pelas lojas e pelos mercados a regatear o preço dos géneros. Um ou dois pratos aumentados o magro jantar.

A' tarde, quando o apetite se fizer sentir e depois de ansiosa espera, abancarei comodamente; verei com pra-

zer, prazer calmo sem berros estridentes nem discursos inflamados, a sopa a fumegar, os talheres tilintando, a carne de porco de perfume excitante, a mesa atravancada com uma profusão de utensílios que só nos grandes dias fazem a sua aparição solene. O jantar íntimo que daqui a algumas horas vai ser devorado com a delícia, com que se gosam as cousas raras, nada possui do ruído fabril dos banquetes desregrados, que levam o homem a desejar a vertigem do deboche. Não. O jantar de hoje constitui um prazer são; esta alegria provém mais do amor e da concordância, do que da embriaguez do vinho. E' jantar que só se tem nos dias em que não há preocupações financeiras, nem dificuldades de viver; é o merecido prémio pago em autêntica felicidade, aqueles que levam um ano inteiro de desgostos e amarguras.

Dizem que se festeja neste dia o nascimento dum homem que foi grande pela humildade, admirado porque sacrificou a sua vida pelo bem-estar do homem. Não o entendo assim, eu que amo a liberdade, a saúde e a igualdade. Hoje não se pensa na dor dum homem por muito grande que ela seja; aproveita-se este dia agreste para gozar, para satisfazer a nossa alma doída e sedenta de felicidade. A festa de hoje é uma necessidade orgânica, é um ideal, uma aspiração de séculos. Os homens ainda não se compreenderam—guerrearam-se. Mas o que ambicionam não é a guerra, é a paz e ventura. Desse guerra, dessa ansia de felicidade, provém o rico e o pobre; o desgraçado e o felizado. O dia de Natal é uma simples trégua. Hoje descansam-se; hoje devemos ser felizes por força, e todos fazem esquecer máguas e mostrar pra senteiro rosto.

A PROPÓSITO DO NATAL

Há, porém, os párias que nunca tiveram o seu Natal sossegado e feliz. Esses encontram-se pelas prisões, pelas habitações sombrias, pelas ruas pobres, pelos campos dor minto ao relento. Esses são a gota de vinagre que me faz amargar a boroa e a sopa fumegante. Por isso eu luto po-



Como vestia Cristó



Como veste o Papa

NO SUL E SUESTE

O estio moral dos perseguidores dos ferroviários

Fomos obrigados a desviar a nossa atenção para o que está ocorrendo nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, interrompendo a série de artigos que sobre a recente greve estávamos escrevendo.

Isso não impede que os continuemos, mas primeiro que o façamos, não deixaremos sem continuidade a descrição das patifarias, das violências e das infâmias que os empregados superiores do Sul e Sueste estão cometendo, julgando-se em pais conquistados.

Os chefes de serviço, os inspetores e outros cavalheiros semelhantes, devem ao pessoal as situações que distribuíram nos Caminhos de Ferro, com raras exceções, não se podendo tolerar a atitude provocadora e revoltante que estão adotando, como represália contra os que tiveram a honrabilidade de defenderem a sua honra e a classe.

Muitos deles, vivendo nos Caminhos de Ferro, à custa de rendosos negócios, têm graves responsabilidades no desapeamento de mercadorias e outras proezas que se praticaram durante a greve. Não podem e não devem as suas responsabilidades ficar por apurar, já que se pretende limpar a classe ferroviária.

Eles, os que têm levado uma vida de exploração constante, fazendo enormes lucros com os negócios escuros em que têm entrado, não podem continuar a triplicar sobre os ferroviários impunemente. Sem autoridade moral para se imporem, pretendem espalhar no seio da classe o terror, afim de conseguirem evitar que o pessoal faça um apuramento de responsabilidades, que inevitavelmente os comprometerá. Sabemos, porém, que não conseguiremos atingir o seu objetivo, porque serão impedidos pela energia dos ferroviários, que não quebrou, como supõem.

Não hesitamos os ferroviários em se defenderem, pois se acham dispostos a ir até ao fim, mesmo que para isso tenham de lançar mão dos meios extremos. Creiam os chefes de serviço e os inspetores, que durante tanto tempo rastejaram a simpatia da classe ferroviária, que não ficarão impunes as suas façanhas.

Há que limpar, mas limpar de vez. Virar a público, se tanto for necessário, os nomes dos que têm levado uma vida a traficar com o lugar que ocupam nos caminhos de ferro, e que agora se arvoram em perseguidores dos que foram grevistas. Podem ainda hoje, comerem descansadamente o jantar, chamado do Natal, comprado, provavelmente, com o produto das falcatruas e das roubalheiras que durante a greve praticaram, de convívio ou directamente com outros, porque cá fora, nas prisões e na rua, fazem algumas centenas de ferroviários, que embora sintam todo o peso da sua situação, sabem que o banquete desses cavalheiros não durará por muito tempo, como os que foram grevistas suportarão com alívio o rigor duma situação económica

que lhes votou os filhos à fome, até ao momento que ela cesse.

Não será isto o resultado do ódio que eles alimentam nos seus corações, contra as subservientes criaturas que se rojaram aos pés dos militares, que se receberam com os picos nas botas, com desprêzo pelo papel que desempenharam, mas uns e outros sabem, todavia, castigar com o seu tédio, com a sua repulsa, tudo quanto agora praticarem, não esquecendo as gorgelas, as luvas e as roubalheiras que foram praticadas em plena greve, que devidamente apuradas, virão a público, para que toda a gente possa avaliar do estio moral dos perseguidores dos ferroviários.

Isto proclama-o um homem que tem sido infamemente caluniado, que foi insultado com o epíteto de ladrão, mas que é suficientemente honesto para empunhar um chicote e com ele chicotear as faces dos odiosos superiores que estão produzindo uma obra de perseguições. Não esqueam isto e contem sempre conosco, como consequência inevitável do seu procedimento, sem classificação.

E violento o que acabamos de escrever, reconhecemos, mas é a verdade, a verdade rigorosa que resulta duma situação que, estou convencido, só a muita energia dos ferroviários fará terminar.

Os homens que violentam a classe ferroviária, os homens que são os executores de Raúl Esteves e do Conselho de Administração, não têm autoridade para procederem como estão procedendo e daí o nosso ataque.

Santos Viegas pretende continuar nos Caminhos de Ferro a obra que enecetou com o sr. Velinho Correa. Expulso violentamente do seu gabinete uma comissão de operários, recusando-se a recebê-lo.

Antesgouso o prazer de ver os ferroviários curvados. Mas não contou que, através de todos os obstáculos e de todas as violências, os ferroviários triunfarão, tendo a energia precisa para o expulsarem como se expulsava uma fera, que nos pretende vitimar. Esquecer-se também que, apesar de lançados para a rua os elementos mais activos da classe ferroviária, deixaram lá raízes, que nem as suas violências nem as de Raúl Esteves (ou de qualquer outro farsa) desaparecerão.

Aquele condição de escravos submissos, sem vontade, em que durante largo tempo jazeram, jamais os ferroviários voltarão, porque hoje possuem uma força organizada, para se defenderem.

Continuem, pois, a espalhar o ódio, violentando e perseguindo os ferroviários e mais tarde, cobardemente, peçam-lhes perdão como em outras ocasiões.

Não esqueam o 18 de Novembro de 1918.

Miguel CORREA

União dos Sindicatos Operários

Comissão administrativa
Reuniu a comissão administrativa deste organismo que apreciou diverso expediente, entre o qual um ofício da U. S. O. de Olhão e outro do Sindicato dos Manipuladores de Pão, comunicando este estar a respectiva direcção ao dispor da U. S. O. para a entrevista pedida; a propósito da orientação do seu representante no comício ultimo, realizado por este organismo.

Tribunal dos Arbitros Avidouros

Compareceram também, e segundo o convite feito, os vogais operários que compõem a pauta operária do Tribunal dos Arbitros Avidouros, excepto os representantes dos trabalhadores da imprensa e da construção civil, tendo este último justificado a sua falta por meio de ofício, visto ter de comparecer a uma outra reunião.

Discutiram-se as razões que levaram este organismo a revogar o mandato à referida pauta. Tomou-se conhecimento da demissão pedida pelo sr. Barbosa Viana de presidente do mesmo tribunal, pelo que terminaram as razões que levaram a U. S. O. de Lisboa a tomar semelhante resolução.

Deliberou-se — o que já se fez — oficiar à Câmara Municipal de Lisboa e ao Ministro do nomeação de novo presidente e respectivos vice-presidentes, segundo a lei em vigor, a fim de evitar a paralisação por mais tempo do mesmo tribunal, para que funcione com regularidade de processos que estão por julgar, o que afecta sobremaneira aqueles a quem dizem respeito.

Com um representante da direcção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais também a comissão administrativa trocou impressões sobre a situação do mesmo, ficando resolvido aguardar-se nova comunicação do mesmo sindicato para se dar começo a trabalhos que não são à referida classe interessam como também à restante organização operária.

Liberdade de reunião

Ocupou-se seguidamente da forma como continua sendo encaráda a liberdade de reunião, liberdade tam apregoadada pelo actual governo nas suas declarações, mas não cumprida, visto que se proibiu que delegados deste organismo efectuassem uma conferência na Associação do Pessoal do Depósito Central de Fardamentos, contra o que a comissão administrativa protestou, resolvendo avistar-se mais uma vez com o presidente do ministério para se ocupar do assunto.

Por fim a comissão administrativa ocupou-se ainda de diversos assuntos de interesse proletário.

NOVA TATICA

Reine amanhã, pelas 15 horas, a comissão eleita ultimamente, para elaborar o estatuto da nova organização "Comunista", pede a presença de todos os membros sem falta.

Coliseu dos Recreios

HOJE — Sábado
A's 14-MATINÉE — A's 21-SOIRÉE

ANTEPENULTIMOS
espectáculos dos notáveis artistas

Agustin & Hartley; Emiliano;
Akebano e Clovelly girls

Em ambos os espectáculos
com os seus fortes
LEOPOLDO no seu trapezio
emocionante

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

Amãã A's 14-MATINÉE
A's 21-SOIRÉE

DEBATE DE OPINIÕES

ANALISE DE FACTOS

O sindicalismo basta-se a si próprio

A discussão de princípios sociais, agora posta a público em A Batalha, pelos militantes socialistas Manuel Joaquim de Sousa e José Carlos Rates, suscitaram-me vontade de fazer algumas apreciações, sobre os factos do dia a dia, da vida social da época em que vivemos, e dos múltiplos aspectos, que as questões política e económica, que é como quem diz, da administração pública e do trabalho, nos estão mostrando neste quadro de incertezas e receios, em que vive todo o indivíduo que trabalha e que consegue e sabe pensar alguma coisa.

Só a grande utilidade que me parece ter a aclairação de certos pontos, me fariam dispensar-lhe um pouco de tempo, do que me escasseia, para satisfazer os bem vastos compromissos que me pesam sobre os ombros de profissional do meu ofício, o que a despeito de muita gente o ignorar, ou supor superfluo, em reputo de muito mais utilidade para o nosso país e para o futuro da humanidade, do que este escrito, que os amigos que fazem A Batalha tem a gentileza de fazer publicar.

Mas, dizia eu, que os militantes socialistas acima citados se deram a uma discussão de princípios sociais que eu entendo ser de uma altíssima utilidade social, e não somente de utilidade operária, como à primeira vista a muitos pareceia.

Quando se faz a afirmação de que o sindicalismo se basta a si próprio, não me parece que esta afirmação seja imponderável, nem tampouco o produto místico da fantasia humana, posta em teoria escolástica com foros de dogma.

A afirmação acima, tenho-o como certo, é a fórmula que as circunstâncias da vida social, desde outrora para cá, fizeram achar, por uma série de fenómenos e reacções, que os homens quasi já hoje sem excepção aceitam, e cada um conforme os interesses da sua classe pondo-a também em relação com o meio ambiente em que vivem.

Se encarmos o sindicalismo como simples luta de classes, se o encararmos como simples agrupamento de indivíduos, de um mesmo ofício, arte ou ocupação, nós caímos no simples corporativismo, e então eu não sou capaz de diferenciar fins nem aspectos, entre a associação de patrões do comércio e a de empregados da mesma ocupação, nem a dos industriais da dos seus operários, porque uns e outros lutam pelo direito de propriedade, a outros os braços.

Claro, o tenho como certo, que não devem entrar nesta linha de conta, as associações científicas ou de artistas, porque geralmente até hoje, com muito raras excepções, estes agrupamentos só tratam de assuntos científicos ou de arte; quer dizer, não há aquela intensidade de luta como entre os agrupamentos de patrões ou operários da indústria, da agricultura ou do comércio.

Porém, dada a fclência das instituições políticas e económicas do nosso tempo, que já deram quanto podiam dar, e que muito foi, ninguém consistentemente o negará. Dada a sua cristalização, por terem chegado ao seu

estado de decrepitude, legam-nos todavia, o suficiente, para empreendermos novos sistemas de relações entre os indivíduos, e seria profundamente errôneo e insubsistente supor que delas coisa alguma se aproveita, e que será necessário fazer tudo de novo.

Tenho ouvido muitas vezes a afirmação acima, a muitas pessoas de respeitabilidade no meio operário, respeitabilidade que eu reconheço de direito, porque é a reificação da sua honestidade e do seu trabalho, mas não posso também deixar de afirmar que é bastante o produto da falta de observação ponderada dos factos.

O sistema social em que nós vivemos, tem sérios e prejudiciais defeitos de junção, que criam uma diferenciação profunda entre os indivíduos, não por uma questão de afinidades o que seria lógico, mas por uma questão de interesses próprios, personalíssimos mesmo, que se desenvolvem, e criam corporativismo, e a criação corporativa, vindos da lapa pequenissima, microscópica e impalpável que é o egoísmo humano, que não desaparece, tendendo cada vez mais para o seu desenvolvimento, e que é o móbil mais poderoso da luta pela nossa existência.

Por este facto, que assistimos a profunda aspiração que cada indivíduo tem, da sua própria emancipação.

Este fenómeno psicológico da nossa idade, que precisamos aproveitar para benefício de todos, do modo mais pratico e adaptável às condições de vida dos nossos dias e ao grau de civilização a que a humanidade chegou, guiada pelas instituições políticas e económicas que ainda subsistem nos nossos dias.

Devemos afirmar, categoricamente, sem receio de desmentido sério, que o que cada indivíduo sente, é a necessidade da sua própria independência, preocupando-se com os outros, porque cada intuitivamente que só coisa alguma pode, porque se pudesse, sem dúvida não perderia um minuto no caminho próprio da sua existência. E isto a razão de ser da vida humana, é o estímulo profundo do Eu, é a manifestação espiritual do homem, por que é toda a humanidade, porque é o móbil dos seus passos como animal.

Temos obrigação, pois, de aproveitar a circunstância de que o homem, ao mesmo tempo que sente a profunda aspiração de se emancipar, sabe de antemão que o não pode fazer só.

Tempo houve, no período feudal, em que o homem se sentia emancipado se deixasse de trabalhar por conta do senhor e passasse a trabalhar por sua conta própria. Foi uma ilusão efêmera; ele não deixou de ter aspirações de emancipação, porque verificou que não bastava armar em pequeno senhor para viver descansado, mas que só podia emancipar-se conjuntamente com os outros homens.

Por estes factos apontados que nós afirmamos categoricamente que o Sindicalismo se basta a si próprio.

Mas de que modo esta fórmula é admissível, e em que grau e até que ponto ela pode ser aplicável?

E' isso que vamos ver.

João Jorge COUTINHO

TEATROS & CINEMAS

Reclamos

Uma noite que passa é novo trunfo para a linda opereta de costumes portugueses A Leteira de Entre Arroios, que continua a ser o grande êxito do teatro S. Luis. No dia de Natal realizou-se uma única matiné com este festejadissimo peça dedicada às famílias e às crianças. Brevemente se realiza a festa de homenagem oferecida pela empresa, ao sr. Filipe Duarte, autor da encantadora música da Leteira de Entre Arroios, havendo nessa noite surpresas sensacionais com novas produções de Filipe Duarte.

A melhor peça, a mais honesta, a mais própria das famílias, é sem dúvida o Coração cego o último grande êxito da Companhia de Entre Arroios, no Politeama. No dia de Natal realizou-se uma única matiné com este festejadissimo peça dedicada às famílias e às crianças. Brevemente se realiza a festa de homenagem oferecida pela empresa, ao sr. Filipe Duarte, autor da encantadora música da Leteira de Entre Arroios, havendo nessa noite surpresas sensacionais com novas produções de Filipe Duarte.

Realizou-se hoje no teatro Apolo, a primeira matiné com a celebrada e aplaudida revista Burro em pé, que ontem teve nova consagração na recita dos autores. No salão do teatro, está armada uma linda e aparatosa árvore de Natal, donde pendem milhares de brinquedos e bonbons para as crianças que comparecerem ao espectáculo. A noite, repete-se o Burro em pé e repete-se os aplausos e o entusiasmo da peça.

Hoje, no Coliseu, em matiné e a noite realizam-se os ante-penúltimos espectáculos dos notáveis artistas Agustin & Hartley, Emiliano, Akebano e Clovelly girls, exibindo-se também o arrojado domador Fortunio com os seus ferozes leões e o célebre Leopoldo no seu trapezio emocionante. São, pois, dois esplendidos espectáculos em que os engracadosíssimos clowns Rico & Alex e Calino & Crizi conservam a assistência em constante gargalhada.

Amãã, há também matiné e espectáculo noturno.

CARTAZ DO DIA

S. CARLOS — A's 21 — «Faustos».

NACIONAL — A's 21, 25 — «A Pescadora».

SÃO LUIZ — A's 21 — «A Leteira d'Entre Arroios».

GINÁSIO — A's 21 — «A Garras».

POLITEAMA — A's 21 — «Coração cego».

TRINIDADE — A's 21, 25 — «A Primeira Causa».

AVENIDA — A's 21, 25 — «Amigo do seu amigo».

EDEN — A's 21 — «Bomba rilha, revista».

APOLLO — A's 21 — «Burro em pé, revista».

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas, Companhia de Circo, ginástica, acrobacias e comica.

SÃO LUIZ — A's 21, 25 — Companhia de variedades.

GIL VICENTE — Hoje — Miss Olga.

Variedades e Animatografos — Salões: Olympia, Central, Cosmos, Chado Terras, Anjos, Trindade, Promotora, Portugal, e Cine Paris, Ideal e Chantecier.

Sociedades de Recreio

Concentração Musical 24 de Agosto.

Sob a direcção do sr. Carlos Gama actuam-se os ensaios do drama em 3 actos A Rosa do Adro, que subirá à scena no dia 1 de Janeiro em festa dedicada à actual direcção.

Ultimas notícias

Em França

Acusa-se a França reacção por deixar-se enganar pelos bolchevistas

PARIS, 24.—Houve um grande debate político na Câmara dos Deputados, devido a uma interpelação do sr. Edouard Soulier, que censurou o governo por se ter deixado enganar pela propaganda bolchevista.

Houve também um discurso violento do sr. Bertron, que chamou a atenção do governo pedindo-lhe que tomasse medidas contra o movimento monárquico.

O sr. Bertron, deputado socialista censurou o governo acremente por tomar rigorosas medidas contra a vanguarda do progresso enquanto que nenhuma eram tomadas contra as manobras do Action Française.

Na sua réplica contra o sr. Soulier o sr. Steel, ministro do interior, disse que o governo cumpriria a lei sem fraqueza, evitando brutalidades mas opondo-se aos distúrbios e que o lema do governo serão ordem e progresso, paz e justiça.

Depois de vários oradores entrarem em debates o sr. Georges Leygues disse à Câmara que ela tinha que tomar nota da importância das questões que tinham de ser tratadas com eles, afirmando que a França e contra o bolchevismo. — Rádio.

A Irlanda revolucionária

Mais combates com a policia em Dublin

DUBLIN, 24.—Os sinn-féiners fizeram fogo sobre patrulhas de policia, e esta ripostou, tendo-se visto dois dos atacantes cair. Reforços militares repeliram completamente os atacantes em número de duzentos, para as montanhas. — Rádio.

NA ALEMANHA

Formou-se o Partido Comunista Unido

BERLIN, 24.—Os partidos radical e independente socialista e comunistas fundaram-se sob o nome de partido comunista unido, contando presentemente com 60 membros no Reichstag. — Rádio.

A Alemanha não pode pagar mais

BERLIN, 24.—A imprensa alemã, comentando a nota do Times em que se declara que os aliados em Bruxelas pede uma repar

CONTOS DE «A BATALHA»

Na prisão de mulheres

Havia em S. Lázaro, entre as mercenárias, uma criatura alta e forte, cabeça muito protuberante, olhos ardentes, voz retumbante e brutal. Chamava-se Clarisse, mas as companheiras tinham-lhe dado a alcunha de Loba.

Muito nova tinha passado pela casa de correção, e, claro, o regime celular, em vez de lhe domar o carácter estranho, apenas lhe azebrara: as prisões mantinham-na com consciência e secam o sentimento das mulheres que por lá passaram voltam iracundas e perversas para a vida: pouco a pouco a sombra triste da célula lhes corrompeu o coração. Para se tornarem mulheres de novo, bastaria a estas desgraçadas

um bom raio de sol, um bom raio de amor,

como canta o poeta; mas a sua vida no bala privava-o do benéfico raio de sol e o amor faz delas vítimas. Pobres seres que as condições sociais destruíram a sociedade!

Clarisse era tida como das mais perigosas; a seu respeito corriam os mais terríveis boatos em que se alternavam sem descanço o exagero e o horror. Segundo umas, matara dois homens, segundo outras arrancara os olhos a mais do que um rival. O que é facto é que era o terror de saias e das suas próprias companheiras tinham dela um medo enfiado.

Encontrou-a pela primeira vez no pátio: a irmã de caridade infligia-lhe uma severa repreensão, que Clarisse levava a mal, respondendo no mesmo tom. Estava furiosa. Acordei-me e disse-lhe devagarinho, docemente:

— Vámas, vámas, não se afilia, minha filha; a cólera nunca deu bom resultado.

— Que te importa? Eu nem sequer sei quem tu és!... Olha a introneta! E como eu insistisse com brandura, berrou-me fortemente os braços, berrou-me com voz rouca junto à face:

— Ouve lá: se queres apanhar uma encarnação, teima em meter-te na minha vida. Eu cá não gosto de que os outros me metam o nariz nos meus negócios. A minha filha não tem o meu nome. A minha filha não tem o meu nome. A minha filha não tem o meu nome.

— E gritava agora isto, encolerizada, com o punho formidável estendendo para a pobre irmã. Arrastei comigo, a custo, a presa, e quando chegámos a um canto do pátio repeti-lhe:

— A menina faz mal, irritando-se desse modo... De que servem os berros e as injúrias?

— Ah! é porque a senhora é boa; mas olhe que sempre serve para alguma coisa, os palavrões: os caroscos e as beaças ficam a saber que não nos metem medo.

— E depois?

— E depois? Ora depois... e assim ficou sem dizer mais nada.

— Está a ver que tenho razão. Remirou-me rapidamente e redarguiu:

— A senhora é uma mulher pacífica; mas nem todas assim podem ser. Olhe: eu cá nunca pude ver uma injustiça sem me revoltar.

— Sorri e repliquei:

— Há casos em que é preciso sofrer até a injustiça, o que não tira de modo algum que devam tratar de a combater com todas as nossas forças.

— Mas a senhora quem é? perguntou-me e, olhando-me fixamente.

— Luísa Michel?

— Luísa Michel? — aquela que durante o tempo da Comuna chegou o fogo aos quatro cantos de Paris, que foi deportada para a nova Caledónia?

— Estive com efeito dez anos na Nova Caledónia, mesmo sem ter chegado a ver a coisa alguma.

— Mas a senhora chamam-lhe petro-

leira, ainda me lembro. Eu era pequena, mas lembro-me como se fosse hoje. E então, se a senhora nada fez, porque a mandaram para o degredo?

— Só porque combati com os meus irmãos pelo triunfo da justiça.

Clarisse, atônita, arregalou os seus grandes olhos negros, e eu, notando que lhe escapava o verdadeiro sentido das minhas palavras, comeci a dar-lhe pouco a pouco a minha primeira lição de humanidade. Apenas terminei, agarrou-me nas mãos, balbuciando:

— É bem verdade o que me diz: sim! a causa de todas as desgraças é a miséria. Se não fosse a miséria, eu aqui? Olhe, eu que lhe falo seria com certeza uma mulher como as outras, se a menos tivesse tido a sorte de ganhar o pão trabalhando. Mas em Paris, não? a vida é dura; depois, com franqueza, nunca aprendi um ofício. Passei toda a minha mocidade na Casa de Correção.

— E seus pais? Não trataram de a educar?

— Meus pais? Esses estavam bebados desde manhã até à noite. Um dia meu pai, numa ocasião de delírio, matou a minha mãe. Mandaram-no para as galés, e eu, sem um parente que me recolhesse, fui encerrada no Hospício da Infância Abandonada. Aos treze anos, mandaram-me para uma quinta dos arredores de Paris, confiando-me a uma família de camponeses ignóbilmente brutais, que de comer só me davam o bastante para me sustentar de vida. Um dia cansada, fiz-lhe uma limpinha nas gavetas e saí-me para Paris. Apanharam-me e mandaram-me para a Casa de Correção, onde me meteram com mulheres que me meteram nesta indecente vida que tenho agora.

— Que havia eu de fazer ao sair da cadeia? Eu nunca na minha vida fizera nada, os atestados que podia mostrar, estavam bem longe de mim: a perdição, o abismo tragou-me — fui uma perdida.

— E concluiu com um nó na garganta e os olhos rasos de água:

— E olhe que eu afinal não era má, não pude crer; o meu gôsto todo seria fazer mulher honrada... mas não pude, bem vê. Tive que descer, passo a passo, a ladeira do vício, como lá diz a gente rica, e aqui estou onde me vê.

— Agora estou à espera de ser transferida para uma reclusão: tenho para dez anos.

— E a desgraçada explicou-me então que, num momento de furor, por certo ilegítimo, dera uma facada no triste indivíduo que lhe servia de ruído.

— Em breve nos fizemos boas amigas. Consegui mesmo suavizar um pouco o seu gênio excessivamente violento, e naquela infeliz que todos temiam, que nos julgavam a última das criaturas, descobri um inextinguível tesouro de gentileza e de bondade. Clarisse fizera-se um demônio unicamente para se nivelar com as suas companheiras de orgia; mas no fundo esta prostituta tinha um coração de criança.

Quando me deixou, para passar para a reclusão de Clementine, onde eu mais tarde a havia de ir encontrar — abraçou-me com efusão, dizendo-me:

— Adeus... não sei se nos tornaremos a ver um dia, mas pode ter a certeza de que nunca mais na minha vida me esquecerá da senhora. A senhora foi a única pessoa, até hoje, que me deu boas palavras. Ah! se eu tivesse tido uma mãe como a senhora!

Luísa MICHEL.

NOTA. — Este facto passou-se em 1883, quando Luísa Michel, na prisão de S. Lázaro, estava à espera de ser julgada pelos crimes da Praga dos Inválidos. Fora presa com Pouget, por ter incitado os desocupados a matar a fome nos grandes armazéns.

S. Ex.ª pertence, e com referência à infra-escrita disciplina, comitê com a publicação da «Nota folhetim», que deu lugar às ordens de serviço n.º 721, 722, 723, e consequente inquérito, e conformando-se com as conclusões do aludido relatório que na Repartição Central ficará patente com todas as peças do mesmo processo disciplinar, a leitura dos interessados, determino que se apliquem as suas disposições nas seguintes penalidades:

Alberto Rebouço Costa, 3.º escrivão em serviço na Tesouraria tendo-se em atenção, como atenuante, o que consta e em abono do seu registo disciplinar, suspensão por cinco meses, desta data, pena mínima dentro as para ele propôs o escrivão.

António Cláudio Oliveira e Costa, 5.º escrivão, Elmano Tavares e Fernando Neves Vidal, respectivamente, lettores-coordenadores de 3.ª e 4.ª classes, suspensão por dois meses. António Emílio Abreu, 2.º escrivão, e António Maria Santos, servente, suspensão por quinze dias, penas estas de conformidade com as propostas do Ex.º sindicado, e também aplicadas desde esta data. Estas suspensões são sem vencimento.

Escusado será dizer que estes castigos são o mais injustos possível por que os empregados citados não cometeram nenhum atentado contra os interesses da Companhia mas única e exclusivamente se defenderam das revoltas da mesma. Mas o que é mais revoltante é que os castigos aplicados são baseados no novo regulamento, regulamento que o pessoal desconhece por completo.

Luísa MICHEL.

NOTA. — Este facto passou-se em 1883, quando Luísa Michel, na prisão de S. Lázaro, estava à espera de ser julgada pelos crimes da Praga dos Inválidos. Fora presa com Pouget, por ter incitado os desocupados a matar a fome nos grandes armazéns.

S. Ex.ª pertence, e com referência à infra-escrita disciplina, comitê com a publicação da «Nota folhetim», que deu lugar às ordens de serviço n.º 721, 722, 723, e consequente inquérito, e conformando-se com as conclusões do aludido relatório que na Repartição Central ficará patente com todas as peças do mesmo processo disciplinar, a leitura dos interessados, determino que se apliquem as suas disposições nas seguintes penalidades:

Alberto Rebouço Costa, 3.º escrivão em serviço na Tesouraria tendo-se em atenção, como atenuante, o que consta e em abono do seu registo disciplinar, suspensão por cinco meses, desta data, pena mínima dentro as para ele propôs o escrivão.

António Cláudio Oliveira e Costa, 5.º escrivão, Elmano Tavares e Fernando Neves Vidal, respectivamente, lettores-coordenadores de 3.ª e 4.ª classes, suspensão por dois meses. António Emílio Abreu, 2.º escrivão, e António Maria Santos, servente, suspensão por quinze dias, penas estas de conformidade com as propostas do Ex.º sindicado, e também aplicadas desde esta data. Estas suspensões são sem vencimento.

Escusado será dizer que estes castigos são o mais injustos possível por que os empregados citados não cometeram nenhum atentado contra os interesses da Companhia mas única e exclusivamente se defenderam das revoltas da mesma. Mas o que é mais revoltante é que os castigos aplicados são baseados no novo regulamento, regulamento que o pessoal desconhece por completo.

Luísa MICHEL.

NOTA. — Este facto passou-se em 1883, quando Luísa Michel, na prisão de S. Lázaro, estava à espera de ser julgada pelos crimes da Praga dos Inválidos. Fora presa com Pouget, por ter incitado os desocupados a matar a fome nos grandes armazéns.

S. Ex.ª pertence, e com referência à infra-escrita disciplina, comitê com a publicação da «Nota folhetim», que deu lugar às ordens de serviço n.º 721, 722, 723, e consequente inquérito, e conformando-se com as conclusões do aludido relatório que na Repartição Central ficará patente com todas as peças do mesmo processo disciplinar, a leitura dos interessados, determino que se apliquem as suas disposições nas seguintes penalidades:

Alberto Rebouço Costa, 3.º escrivão em serviço na Tesouraria tendo-se em atenção, como atenuante, o que consta e em abono do seu registo disciplinar, suspensão por cinco meses, desta data, pena mínima dentro as para ele propôs o escrivão.

António Cláudio Oliveira e Costa, 5.º escrivão, Elmano Tavares e Fernando Neves Vidal, respectivamente, lettores-coordenadores de 3.ª e 4.ª classes, suspensão por dois meses. António Emílio Abreu, 2.º escrivão, e António Maria Santos, servente, suspensão por quinze dias, penas estas de conformidade com as propostas do Ex.º sindicado, e também aplicadas desde esta data. Estas suspensões são sem vencimento.

Escusado será dizer que estes castigos são o mais injustos possível por que os empregados citados não cometeram nenhum atentado contra os interesses da Companhia mas única e exclusivamente se defenderam das revoltas da mesma. Mas o que é mais revoltante é que os castigos aplicados são baseados no novo regulamento, regulamento que o pessoal desconhece por completo.

Luísa MICHEL.

NOTA. — Este facto passou-se em 1883, quando Luísa Michel, na prisão de S. Lázaro, estava à espera de ser julgada pelos crimes da Praga dos Inválidos. Fora presa com Pouget, por ter incitado os desocupados a matar a fome nos grandes armazéns.

S. Ex.ª pertence, e com referência à infra-escrita disciplina, comitê com a publicação da «Nota folhetim», que deu lugar às ordens de serviço n.º 721, 722, 723, e consequente inquérito, e conformando-se com as conclusões do aludido relatório que na Repartição Central ficará patente com todas as peças do mesmo processo disciplinar, a leitura dos interessados, determino que se apliquem as suas disposições nas seguintes penalidades:

Alberto Rebouço Costa, 3.º escrivão em serviço na Tesouraria tendo-se em atenção, como atenuante, o que consta e em abono do seu registo disciplinar, suspensão por cinco meses, desta data, pena mínima dentro as para ele propôs o escrivão.

António Cláudio Oliveira e Costa, 5.º escrivão, Elmano Tavares e Fernando Neves Vidal, respectivamente, lettores-coordenadores de 3.ª e 4.ª classes, suspensão por dois meses. António Emílio Abreu, 2.º escrivão, e António Maria Santos, servente, suspensão por quinze dias, penas estas de conformidade com as propostas do Ex.º sindicado, e também aplicadas desde esta data. Estas suspensões são sem vencimento.

Escusado será dizer que estes castigos são o mais injustos possível por que os empregados citados não cometeram nenhum atentado contra os interesses da Companhia mas única e exclusivamente se defenderam das revoltas da mesma. Mas o que é mais revoltante é que os castigos aplicados são baseados no novo regulamento, regulamento que o pessoal desconhece por completo.

Luísa MICHEL.

NOTA. — Este facto passou-se em 1883, quando Luísa Michel, na prisão de S. Lázaro, estava à espera de ser julgada pelos crimes da Praga dos Inválidos. Fora presa com Pouget, por ter incitado os desocupados a matar a fome nos grandes armazéns.

S. Ex.ª pertence, e com referência à infra-escrita disciplina, comitê com a publicação da «Nota folhetim», que deu lugar às ordens de serviço n.º 721, 722, 723, e consequente inquérito, e conformando-se com as conclusões do aludido relatório que na Repartição Central ficará patente com todas as peças do mesmo processo disciplinar, a leitura dos interessados, determino que se apliquem as suas disposições nas seguintes penalidades:

Alberto Rebouço Costa, 3.º escrivão em serviço na Tesouraria tendo-se em atenção, como atenuante, o que consta e em abono do seu registo disciplinar, suspensão por cinco meses, desta data, pena mínima dentro as para ele propôs o escrivão.

António Cláudio Oliveira e Costa, 5.º escrivão, Elmano Tavares e Fernando Neves Vidal, respectivamente, lettores-coordenadores de 3.ª e 4.ª classes, suspensão por dois meses. António Emílio Abreu, 2.º escrivão, e António Maria Santos, servente, suspensão por quinze dias, penas estas de conformidade com as propostas do Ex.º sindicado, e também aplicadas desde esta data. Estas suspensões são sem vencimento.

Escusado será dizer que estes castigos são o mais injustos possível por que os empregados citados não cometeram nenhum atentado contra os interesses da Companhia mas única e exclusivamente se defenderam das revoltas da mesma. Mas o que é mais revoltante é que os castigos aplicados são baseados no novo regulamento, regulamento que o pessoal desconhece por completo.

Luísa MICHEL.

NOTA. — Este facto passou-se em 1883, quando Luísa Michel, na prisão de S. Lázaro, estava à espera de ser julgada pelos crimes da Praga dos Inválidos. Fora presa com Pouget, por ter incitado os desocupados a matar a fome nos grandes armazéns.

S. Ex.ª pertence, e com referência à infra-escrita disciplina, comitê com a publicação da «Nota folhetim», que deu lugar às ordens de serviço n.º 721, 722, 723, e consequente inquérito, e conformando-se com as conclusões do aludido relatório que na Repartição Central ficará patente com todas as peças do mesmo processo disciplinar, a leitura dos interessados, determino que se apliquem as suas disposições nas seguintes penalidades:

Alberto Rebouço Costa, 3.º escrivão em serviço na Tesouraria tendo-se em atenção, como atenuante, o que consta e em abono do seu registo disciplinar, suspensão por cinco meses, desta data, pena mínima dentro as para ele propôs o escrivão.

A BATALHA

CAMINHANDO PARA A FOME

Que isto tudo se vai subverter no meio da maior miséria, dizia eu ultimando o meu arrazoado de há dias, sob esta mesma epígrafe. E a prova-lo está a maior incompetência dos de cima e a mais completa inércia dos de baixo. Em cada dia que passa mais nos custa a vida, e não há generos, ou se há são poucos que conservem na semana que vem o preço que custam hoje. Isto já não é ganância do comércio, uztura da lavoura. É mais alguma coisa, é loucura: é uma vertigem que a todos tomou.

Toda a gente faz negócio, o que importa dizer que toda a gente rouba e rouba-se com o maior descaço. O que não se compreende é como o pobre possa viver com os ganhos resumidos que tem, se ele precisa pão e nem sempre o encontra, se o carvão desapareceu ou se o paga por um preço inflacionado, pois \$30 já custa um quilo de carvão, e porque não há carvão? Não há carvão porque o lavrador vende a lenha bem vendida dispensando-se de maiores trabalhos.

Toda a gente procura hoje limitar esforços; já não há dique possível a pôr a isto? Há. Esse dique o poria um governo que pensasse em governar a valer. Mas para isso era preciso ir contra os interesses das classes abastadas; e como queriam ir os governos contra as classes abastadas, se eles são elementos saídos delas, se todos os governantes são burgueses e só curam dos seus interesses?

Não resta dúvida que os maiores fautores da carestia são a resumida produção actual da lavoura, e a deficiência dos meios de transporte. E como dar remédio a isso?

Porque só essa produção e meios de transportes deficitários? Haverá uma explicação capaz para isso? Há. O trabalhador do campo tem sido roubado à lavoura em parte para servir a milícia que os governantes precisam para lhes guardar os seus desmandos; e cinco que venham para as cidades arrastam atrás de si outros tantos ou o dobro, pintando-lhes de cá um Eden que eles gozavam de vir apreciar, e todos trazem famílias que fazem falta ao campo. Uma vez cá, esses trabalhadores raramente voltam às suas terras, porque a cidade

lheita que a seca produziu. Logo de manhinha as mulheres vão com um cesto procurar nos campos ervas comestíveis. Os garotos trepam às árvores para colher folhas. Os homens trabalham encarniçadamente para arrancar ao solo o pouco que dele podem obter à custa dum esforço terrível. Folhas, raízes e cardos são fervidos conjuntamente com um pouco de cereal, adquirido à custa da venda do vestuário e dos móveis, e produzem uma massa dura e fétida. As folhas são cozidas separadamente e formam um prato que até os próprios animais rejeitariam.

O colera, em consequência de tamanha miséria, lançando-se sobre organismos já entrecujados pela fome, tem tido a morte a milhares de pessoas. Cada aldeia de 150 famílias perdeu pelo menos vinte a trinta indivíduos. As crianças e os velhos são os primeiros a morrer. Os outros resistem, apegoados à vida. Quando a sua fraqueza se acentua também eles sucumbirão, a não ser que a fome se tenha já encarregado de liquidá-los.

Tal é, brevemente descrita, a história de milhares de aldeias do Tcheli, do Chantong, do Honan e do Chansi. É a mais terrível prova por que tem passado a China nos últimos 50 anos, desde a grande fome dos anos 1870-80. E está-se ainda no princípio. Inda há para comer, mas mesmo isso desaparecerá quando chegarem os primeiros invernos. Se o resto da China e as outras nações não acudirem então, não se pode esperar mais que a agonia e a morte de milhões de indivíduos. Tanto pelo número de vidas perdidas como pelos sofrimentos suportados, esta tragédia vale bem os horrores da guerra mundial.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

prende quem nela não nasceu e não tem alma para apreciar o quanto de mais belo e de mais vida a província, em plena natureza. Além disso, os lavradores que agora tudo vendem pelo preço que querem, devido a uma demasiada procura, pela exiguidade dos produtos, não procuram alargar em nada a produção, já porque aquilo que produziram anteriormente lhes deu bem, já porque quanto maior é a nau maior é a tormenta e eles estão fartos de aturar os trabalhadores — dizem.

São estes alguns motivos da carestia dos artigos indispensáveis à vida e ainda a causa da sua absurda carestia.

A deficiência dos transportes? Essa tem como causa primordial o descontentamento dos trabalhadores das respectivas classes e a ganância dos directores das empresas que guardando para eles a parte de lucro deixam que o material se deteriore. Não há o sentimento da solidariedade em parte alguma a cada um procura bastar-se, deixando que tudo se despenhe.

Há quem o faça inconscientemente. Essa maneira de ver é falsa, mas adotou-se já socialmente o «vale-se quem pode» e esse é o mal.

O remédio que as classes burguesas teriam que opor a isto, mas remédio simplesmente temporário, seria expropriar os terrenos que, sendo cultiváveis, estão a monte, e ainda aqueles que em 1914 eram cultivados e hoje se encontram abandonados, em não pequena quantidade.

E quem os irá cultivar, perguntarão? Não há dúvida que essa solução tem inconvenientes. É que mesmo a classe rural, em parte, não procurou ainda apetrechar-se para tomar conta da produção, da mesma forma que as outras classes ainda não deram aos seus sindicatos essa base de orientação.

Mas há que ver isto assim. A burguesia só se salvará se surgir um homem do seu meio que encare as coisas bem de frente e vibre esse golpe, porque do contrário isto é em breve um caos. Um caos porque a burguesia falha, e a classe trabalhadora ainda não se deu conta de que tem de receber, à força mesmo, esse espólio para o que não tratou de se preparar a sério.

MAX.

lheita que a seca produziu. Logo de manhinha as mulheres vão com um cesto procurar nos campos ervas comestíveis. Os garotos trepam às árvores para colher folhas. Os homens trabalham encarniçadamente para arrancar ao solo o pouco que dele podem obter à custa dum esforço terrível. Folhas, raízes e cardos são fervidos conjuntamente com um pouco de cereal, adquirido à custa da venda do vestuário e dos móveis, e produzem uma massa dura e fétida. As folhas são cozidas separadamente e formam um prato que até os próprios animais rejeitariam.

O colera, em consequência de tamanha miséria, lançando-se sobre organismos já entrecujados pela fome, tem tido a morte a milhares de pessoas. Cada aldeia de 150 famílias perdeu pelo menos vinte a trinta indivíduos. As crianças e os velhos são os primeiros a morrer. Os outros resistem, apegoados à vida. Quando a sua fraqueza se acentua também eles sucumbirão, a não ser que a fome se tenha já encarregado de liquidá-los.

Tal é, brevemente descrita, a história de milhares de aldeias do Tcheli, do Chantong, do Honan e do Chansi. É a mais terrível prova por que tem passado a China nos últimos 50 anos, desde a grande fome dos anos 1870-80. E está-se ainda no princípio. Inda há para comer, mas mesmo isso desaparecerá quando chegarem os primeiros invernos. Se o resto da China e as outras nações não acudirem então, não se pode esperar mais que a agonia e a morte de milhões de indivíduos. Tanto pelo número de vidas perdidas como pelos sofrimentos suportados, esta tragédia vale bem os horrores da guerra mundial.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distribuir no próximo dia 1 de Janeiro, comemorando o 30.º aniversário da sua fundação, senhas essas que serão entregues aos pobres que indicarmos.

Armazens Grandela

Do Armazens Grandela recebemos 20 senhas para um budo que vão distrib

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Segunda-feira, 27 de Dezembro

CONTINUAÇÃO DA GRANDE VENDA

20 A 50 % MAIS BARATO!

NOVOS E IMPORTANTÍSSIMOS SALDOS

Serão postos á venda, segunda-feira, conjuntamente com todos os demais artigos dos seus colossais sortidos que de ha muito estão sendo vendidos

20 A 50 % MAIS BARATO!

que os preços por que vendem actualmente as fábricas, isto é, não só nos Grandes Armazens do Chiado de Lisboa, Porto e Coimbra, como nas suas demais filiais. As 22 fábricas que os Grandes Armazens do Chiado possuem, estão trabalhando em cheio com todas as matérias primas no valor de MUITOS MILHARES DE CONTOS adquiridas e pagas antes do actual agravamento cambial, o que lhes permite vender todos os artigos por estas produzidos

20 A 50 % MAIS BARATO!

Todos os colossais sortidos existentes nos Grandes Armazens do Chiado e suas 20 filiais QUE ASCENDEM A MUITOS MILHARES DE CONTOS, foram todos adquiridos e pagos antes do enorme agravamento cambial dos últimos meses, permitindo esta bela operação o poderem vender ao público de todo o país 20 A 50 % MAIS BARATO, todos os seus sortidos, até completo esgotamento

ARTIGOS PARA PRESENTES E OBRAS DE CARIDADE

Por 2.500 rs. Um corte de vestido, lindo tecido.
Por 3.750 rs. Um corte de vestido, superior qualidade.
Por 18.000 rs. Um corte de fato, belo cheviote.
Por 21.000 rs. Um corte de fato, qualidade superior.
Por 76.500 rs. Um belo fato feito em bom cheviote, para homem.
Por 80.000 rs. Um belo fato feito de magnifico cheviote, para homem.
Por 78.500 rs. Um magnifico sobretudo de bom tecido, para homem.
Por 88.000 rs. Um belo sobretudo de superior qualidade, para homem.
Por 63.500 rs. Gabardines im-
premiáveis.
Belo acabamento! Sortido com-
pletos!
Por 4.650 rs. Um fato de lindo te-
cido para rapaz.
Por 7.500 rs. Um fato de superior
qualidade para rapaz.

Rouparia para crianças

Um lindo enxoval para recém-nascido, composto de 12 peças, sendo: 1 vestido de flanela, 2 cueiros de flanela, 2 casquinhas, 2 fraldas, 2 chameiros, 2 pares de botinhas, 1 touca de renda, tudo por 89.000!

Bibos de percal, lindos desenhos:

Idades: 7 anos 5 anos 3 anos

Preços: 2.000 1.500 1.200

Vestidos de flanela de fantasia:

Idades: 7 anos 5 anos 3 anos

Preços: 2.250 1.750 1.250

Camisas:

Idades: 7 anos 5 anos 3 anos

Preços: 900 700 600

Saias com corpo:

Idades: 7 anos 5 anos 3 anos

Preços: 1.500 1.250 1.000

Calças:

Idades: 7 anos 5 anos 3 anos

Preços: 1.800 1.500 1.200

Toucas de seda e cambrá guarnecidas a rendas e fitas. Eram de 12.000, 10.000 e 8.000. Saldam-se, a 6.500 e 5.000.

Vestidos de flanela de fantasia, para meninas. Eram de 3.500. Vendem-se a 2.500.

Casacos de tecidos de grande abalo, para crianças. Eram de 15.000, 12.000 e 10.000. Saldam-se a 9.000 e 8.000.

Rouparia para senhora

Camisas de bom pano, bordadas à mão. Eram de 7.500. Vendem-se agora por 5.500.

Calças de bom pano, enorme sortido. Eram de 6.800. Saldam-se a 4.800 e 3.800.

Saias de flanela amazônica com pontos à jour em cores. Eram de 12.000. Saldam-se a 8.000.

Blusas de flanela de fantasia. Eram de 7.000. Vendem-se agora a 4.800.

Róbes de chambre de flanela fantasia e em lisas, lindos modelos. Eram de 15.000. Vendem-se a 9.500.

NA NOSSA SECÇÃO DE FANQUEIRO

Para vestidos e blusas de crianças

Corte de flanela, cor lisa, muito

larga, 2,50 por 1.600

Corte de flanela, lindos desenhos,

cores finas, 2,50 por 1.750

Corte de flanela fantasia, lindas

cores, 2,50 por 2.500

Corte de flanela lisa aveludada,

finas cores, 2,50 por 2.700

Corte de chita percal, lindos pa-

drões, boas cores, 2,25 por 1.850

Para robes e vestidos de senhora

Corte de camisa de pano

fino 2,25 por 1.550

Corte de camisa de patente

2,25 por 1.650

Corte de camisa de pano

fino 2,25 por 1.480

Corte de camisa patente, su-

perior qualidade, género

inglês 2,25 por 2.250

Confrontem os nossos

preços!

Para roupas do homem

Corte de camisa de riscado do

Norte, 5,00 por 2.400

Corte de ceroulas de riscado 2,25

por 1.800

Corte de camisa de flanela, tecida,

3,00 por 2.000

Corte de ceroulas de flanela, 2,25 por

2.700

Corte de fato, de bom cotim sar-

jado 4.800

Corte de calça do mesmo cotim,

2,25 por 2.400

Corte de fato de cotim casemira,

6,00 por 8.000

Corte de calça, da mesma quali-

dade 2,50 por 5.500

Grande liquidação de calçado

para homens, senhoras e crianças

Sapatos de carneira, para crian-

ças, desde 400 a 2.500

Sapatos de vitela branca, Carlos

IX, para criança, a 2.500

Botas de vitela preta, para criança

a 2.500

Sapatos de diversas qualidades,

para senhora, a 12.000

Sapatos de superiores qualidades,

para senhora a 12.800

Sapatos, qualidades extras, diver-

sos modelos, para senhora, a 15.000

Botas de calf preto, 1 sola, para

homem a 18.500

Botas da mesma qualidade, com

2 solas, para homem, a 19.000

Botas de vitela branca, para ho-

mem, a 15.500

Botas de chevron em cor, para

homem, a 25.000

GALERIA DE MENAGE

Grande variedade de objectos para brindes

Gramofones com campânula, ex-

celente máquina, a 61.900

Discos de novidades em músicas

e cantos, a 3.900

Postais ilustrados, sortido colos-

sal, a 40

Caixas com papel fantasia, a 1.900

Guardanapos de papel plissado,

fantasia, a 40

Máquinas fotográficas, lentes ma-

gníficas, a 15.000

Espeelhos para toilette, muito bons

a 5.750

Bandejas de cristal e metal,

enorme sortido, a 11.450

Passes-partouts muito elegantes

grande sortido, a 840

Serviços de jantar em boa faian-

ça de cor, a 75.000

Serviço de almoço em boa faian-

ça, com 31 peças, a 29.500

Pratos grandes, fabrico alemão,

um grande saldo, a 1.450

Talheres de mesa, (24 peças),

por 10.000

Candeiros de vidro opala, para

mesa, a 5.450

Candeiros completos com abat-

jour, a 9.500

Taças fundas, de cristal para fru-

tas, grande variedade, a 1.000

SECÇÃO DE RETROZEIRO

Outros saldos em liquidação

Tubos directos de seda em cores

para máquinas, a 60

Retroz de seda em meadas, cada

Algodão D M C brilhante para

bordar, meada 10.000

Fita de veludo com avesso de seda

em todas as larguras, metro des-

de 5.450

Fita de seda lavavel para roupa

branca metro 9.500

Fita corselet preta ou branca, lar-

gura 0,08 metros 1.000

Cintos de pele de fantasia, novida-

de, a 700

Galão de seda fantasia para guar-

necer vestidos, metro 30

Tulle de seda para guarnição de

vestidos, metro 650

Gaze de seda para blusa, largura

1,05, metro 360

Pompons de seda, a 20

Barbas de celuloide para golas, a

Broderie sobre gau de seda para

guarnecer vestidos, metro 500

Rendas de algodão em cores, me-

tro 20 e 10

Rendas de seda escarlate, largura

10 cm, metro 40

Trança de seda fantasia para guar-

necer vestidos, metro 100

Letras bordadas para roupa bran-

ca, dúzia 20

Requife para roupa branca, metro

10

Blusas de malha de lã tricot feitas

à mão, 8.000

Capotas de malha tricot feitas à

mão, para recém-nascidos 500

Aplicações bordadas para roupa

branca 20

Laizes de tulle bordadas a seda

para vestidos, metro 1.500

Cooperativa Indústria Social

(Responsabilidade limitada)

Fundição de ferro e outros metais — Serralharia mecânica e civil — Construção de máquinas a vapor e diversas — Montagens e reparações de máquinas — Serralharia e forjas — Aparelhos para indústrias — Instalações de fábricas — Coberturas metálicas — Motores hidráulicos — Colunas e vigas — Gradações — Pressas hidráulicas e manuais para azeites — Máquinas industriais e agrícolas — Transmissões — Moinhos para farinha — Guindastes — Charruas — Relhas — Reparções em todos os géneros de máquinas — Instalações eléctricas — Reparções de vapores.

DEPÓSITOS E EXPOSIÇÃO
Escadinhas da Praia, 2 a 16
Rampa de Santos, 9 a 17

Escritório — Rua 24 de Julho, 64
Telefone central 3408

Depósito de Materiais para Construção

Oficina de Canteiro e Estatuária

Areia do Alfeite e rio Sêco, cal em pó e em pedra, mantilhas de barro, te-
jolos de todas as qualidades, barro refractário, tubos de grés, pedra
de alvenaria, basalto e vidraças para calçadas

TELEFONE N.º 828

Gasimiro José Sabido & C.ª, Irmão, L.ª

Fábrica de cal, produtos cerâmicos e ladrilhos mosaicos

Cimento Portland, pozolana dos Açores, ladrilhos de mosaico,
azulejos, cantarias de Págo de Arcos, Pero Pinheiro,
jazigos, estatuas, xadresses e mármore para móveis

150—RUA DE S. BENTO 172—LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS A NACIONAL

Sede na sua propriedade: AVENIDA DA LIBERDADE, 14—LISBOA

Soc. An. de Resp. Limitada

Fundada em 7-4-906

CAPITAL 900.000\$

RESERVAS 862.783\$

SEGUROS SOBRE A VIDA HUMANA

e contra acidentes no trabalho, incêndios, roubos e riscos de transporte

35—RUA DA ASSUNÇÃO—25

(Esquina da R. da Prata)

FABRICA DE CERVEJA PORTUGUESA LIMITADA

AVENIDA ALMIRANTE REIS

*** G ***

Expedições para Lisboa e províncias—Exportação para as nossas
colónias e ilhas adjacentes

Cervejas em garrafas e barris

Águia, Pilsener, Munich e Preta

Refrigerantes

Limonada gazosa fabricada com água filtrada

e esterilizada pelos raios ultra-violetas. Sod-wa-

ter e soda-water Schweppes.

SIM, SENHORA?...

Uma galinha por 30\$00 escudos

Ontem na Praça da Figueira a venda das galinhas assumia já o carácter de
transacções só para ricos. Assim houve quem desse dezenas de escudos pelas
tradicionais aves da culinária do Natal, o que fez a sensação de todos os po-
bres que presenciaram tam coras aquisições. Uma das galinhas, soberbo exem-
plar duma rara corpulência, foi comprada por 30 escudos. Mas quem a adquiriu
provou depois que ela não fora cara, visto que agarrado às pernas pegou 1
par de botas de calf preto, de bom fabrico e feito na SAPATARIA SOCIAL
OPERARIA, que custa 14.950, o que provou depois que a galinha fora barata.
Fui lá e vi sapatos para senhora, de calf preto, a 12.50. Botas brancas,
com 2 solas, a 17.00. Sapatos de calf preto, para menino, a 9.50. Botas bran-
cas para rapaz, a 7.00. Botas calf preto, com 2 solas, a 13.95.

Pois só lá se encontra barato.—Ver e crer como S. Tomé

Desconto a quem apresentar o jornal A BATALHA.

A' SOCIAL OPERARIA

18, Rua dos Cavaleiros, 20

462

Damião & C.ª

Especialidade

em fatos, vestidos

e chapéus

para creança

57—RUA D'ARRETT—59

LISBOA

Telefone 2940

CLINICA DENTÁRIA

BARROS MARINHAS

Extrações dentes por anestesia espe-

cial. Colocação dentes fixos e com placa.

25—RUA DA ASSUNÇÃO—25

(Esquina da R. da Prata)

GRANDE OFICINA

DE

GESTEIRO